

Uma perspectiva materialista para o ensino de arte: questões de pesquisa

*A materialist perspective for art teaching: research
issues*

*Una perspectiva materialista para la enseñanza del
Arte: temas de Investigación*

Rosana Soares¹

Janedalva Pontes Gondim²

Maria Cristina da Rosa Fonseca da
Silva³

Resumo

O artigo destaca os princípios epistemológicos e metodológicos do materialismo histórico-dialético (MARX, 2010) e sua aproximação com o ensino de Artes Visuais a partir das contribuições da Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012; 2020). Para isso, primeiramente discutiremos a questão do método marxista e sua interpretação na pesquisa em arte (LUKÁCS, 2018; VÁZQUEZ, 1978). Em seguida, abordaremos o ensino de Arte na escola capitalista considerando a necessidade de uma educação que se contraponha à alienação e cumpra a função de transmitir o saber sistematizado às novas gerações. Neste aspecto, a Pedagogia Histórico-Crítica, se apresenta como uma perspectiva pedagógica revolucionária ao reafirmar a importância da educação escolar para a formação da consciência de classe e condição para a emancipação humana. Por fim, concluímos que estabelecer um diálogo do aporte teórico do marxismo com o ensino de Artes Visuais implica em assumir uma postura política e pedagógica comprometida com o desenvolvimento da humanidade nas suas mais ricas possibilidades formativas.

Palavras-chave: Método marxista; Pesquisa em Arte; Pedagogia Histórico-Crítica; Ensino de Arte.

Abstract

The article highlights the epistemological and methodological principles of historical-dialectical materialism (MARX, 2010) and its approach to the teaching of Visual Arts based on the contributions of Historical-Critical Pedagogy (SAVIANI, 2012; 2020). To this end, we will first discuss the issue of the Marxist method and its interpretation in art research (LUKÁCS, 2018; VÁZQUEZ, 1978). Next, we will approach the teaching of Art in the capitalist school considering the need for an education that counteracts alienation and fulfills the function of transmitting systematized knowledge to new

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - UDESC. Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Participa do OBSERVATÓRIO: Formação de professores de artes na América Latina. email: rosana_artes09@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0481219764999760>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2684-7587>

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Professora Adjunta nos cursos de Artes Visuais e Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional-ProfSocio da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Integra o Projeto bilateral intitulado: Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG). – email: p.gondim14@gmail.com. Lattes <http://lattes.cnpq.br/1067089791136596>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8363-1670>

³ Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular do Ceart-Udesc, nos cursos de Mestrado e doutorado em Artes Visuais (PPGAV), mestrado e doutorado em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). Coordena o Projeto bilateral intitulado: Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina - (OFPEA/BRARG) e o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Professores - LIFE-CEART-UDESC. email: cristinaudesc@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5794119392714925>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1571-9176>

generations. In this aspect, Historical-Critical Pedagogy presents itself as a revolutionary pedagogical perspective by reaffirming the importance of school education for the formation of class consciousness and a condition for human emancipation. In this aspect, Historical-Critical Pedagogy presents itself as a revolutionary pedagogical perspective by reaffirming the importance of school education for the formation of class consciousness and a condition for human emancipation. Finally, we conclude that establishing a dialogue between the theoretical contribution of Marxism and the teaching of Visual Arts implies assuming a political and pedagogical posture committed to the development of humanity in its richest formative possibilities.

Keywords: Marxist method; Research in Art; Historical-Critical Pedagogy; Art Teaching.

Resumen

El artículo destaca los principios epistemológicos y metodológicos del materialismo histórico-dialéctico (MARX, 2010) y su aproximación a la enseñanza de las Artes Visuales a partir de los aportes de la Pedagogía Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012; 2020). Para ello, primero discutiremos la cuestión del método marxista y su interpretación en la investigación artística (LUKÁCS, 2018; VÁZQUEZ, 1978). Después, abordaremos la enseñanza del Arte en la escuela capitalista considerando la necesidad de una educación contraria a la alienación y que cumpla la función de transmitir conocimientos sistematizados a las nuevas generaciones. En este aspecto, la Pedagogía Histórico-Crítica se presenta como una perspectiva pedagógica revolucionaria al reafirmar la importancia de la educación escolar para la formación de la conciencia de clase y condición para la emancipación humana. Finalmente, se concluye que establecer un diálogo entre el aporte teórico del marxismo y la enseñanza de las Artes Visuales implica asumir una postura política y pedagógica comprometida con el desarrollo de la humanidad en sus más ricas posibilidades formativas.

Palabras clave: Método marxista; Investigación en Arte; Pedagogía Histórico-Crítica; Enseñanza del Arte.

1 Introdução

Pesquisar sob o aporte teórico do marxismo exige do/a pesquisador/a conhecer a teoria marxista. Ainda que tal afirmação pareça óbvia não é o que acontece no cenário acadêmico e as razões são muitas: a. os currículos de formação em artes, seja bacharelado ou licenciatura trazem de forma insuficiente estudos da obra de Karl Marx e Friedrich Engels; b. a obra de arte sob os fundamentos marxianos são pouco estudados, além do curto tempo de estudo da filosofia e da sociologia nesse mesmo currículo. Tudo isso fragmenta o estudo do marxismo nos cursos de graduação e na pós-graduação, o cenário se repete. Para o enfrentamento destas questões temos acompanhado o esforço do “Observatório da Formação de Professores no âmbito do Ensino das Artes”⁴/UDESC que na busca de suprir essa lacuna e mudar a realidade da formação em artes vem promovendo cursos e debates sobre inúmeras temáticas e entre elas o referencial marxista para o ensino da arte.

Quando nos referimos a pesquisar a partir do referencial marxista não nos referimos a um passo a passo de pesquisa, mas a aquisição da compreensão do materialismo histórico dialético e a partir dele abordar o objeto de pesquisa. Tal movimento foi realizado por Marx e Engels na obra *O Capital*, que na análise da sociedade burguesa investigou a produção, a distribuição e a circulação da mercadoria em sua complexidade. A análise da sociedade burguesa despendeu de Marx e Engels esforços na compreensão dos problemas em torno desta sociedade em constante transformação. Essa transformação tem o tempo como marca e por isso a história e seus desdobramentos são tão importantes na teoria marxista; mas não é uma história, mas sim múltiplas faces – as camufladas principalmente - que mais exigiram dos autores investigação e análise crítica. Nesse sentido, ir além da aparência do objeto passa a ser um desafio para os pesquisadores; exige para isso amplo conhecimento existente em torno do objeto para poder assim avançar na produção do conhecimento; só possível, quando a pesquisa alcança a “essência” - corpo dinâmico do objeto pesquisado.

⁴ Para mais informações consultar o site <https://observatorioformacaoarte.org/>

Em relação ao ensino de Artes Visuais na perspectiva marxista, abordaremos mais adiante, que se faz mister, realizar uma análise da sociedade capitalista e seus efeitos no processo de humanização. O estudo da Pedagogia Histórico-Crítica nos ajuda a pensar as finalidades da educação e o papel da escola no desenvolvimento dos níveis mais elevados do gênero humano, requerendo para o cumprimento deste objetivo, uma formação docente em Arte com postura crítica que tenha a clareza do seu trabalho pedagógico.

2 A pesquisa em arte sob o aporte marxiano

A monografia intitulada “expressando tendências: estudo preliminar das produções em arte-educação de programas de pós-graduação em educação” Soares (2006) realizou um mapeamento das produções de teses e dissertações em dois Programas de Pós-Graduação em Educação que versam sobre o tema Arte-Educação. No recorte utilizou as pesquisas defendidas entre 1999 e 2005 em três programas de pós-graduação da Universidade Regional de Blumenau (FURB); na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); totalizando 22 pesquisas. Tal mapeamento trouxe o seguinte resultado: (a) Autores citados relacionados à metodologia de pesquisa: LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli com 27,27%; seguido por ZAMBONI, Silvio com 18,1%; (b) Autores da área de arte: FISCHER, Ernst 27,27% seguido de FOUCAULT, M. com 22,72%. De um modo geral foi possível identificar que no referencial de pesquisa o marxismo não estava presente e entre os autores da arte a presença solitária de Ernst Fischer. Passados um pouco mais de 15 anos este cenário embora apresente alguma mudança ainda é insuficiente.

São inúmeras as abordagens de pesquisa acadêmica, entre elas o materialismo histórico dialético de Karl Marx e Friedrich Engels; que se apresenta como uma postura investigativa rígida de compreensão, análise e descrição do objeto de pesquisa. Entre múltiplas abordagens de pesquisa, na tarefa de investigar e analisar os diferentes objetos de pesquisa podemos dizer que o materialismo histórico dialético é o menos utilizado e as razões giram em torno da compreensão da teoria marxista. Existem dois caminhos para o estudo e compreensão dos escritos de Marx e Engels: ler os autores – a chamada leitura na fonte direta -; e a leitura de autores

que estudaram e foram influenciados pelo marxismo. Mas entende-se que a leitura de autores influenciados por Marx e Engels exige também um rigor na seleção destes textos, onde o critério deveria ser o da fidelidade à fonte primária. No Brasil temos pesquisadores sérios e comprometidos com a mediação destes escritos, começando pela tradução dos textos originais. É um cuidado necessário.

Nesse sentido, um pesquisador iniciante no referencial marxista deveria ser conduzido pedagogicamente à fonte primária dos textos de Marx. Mas temos observado que esse movimento nem sempre acontece e muitas vezes os pesquisadores iniciantes se deparam com livros de metodologia de pesquisa onde a teoria marxista aparece reduzida, fato que não gera nenhuma condição de apropriação pelo leitor e com isso inviabiliza ou limita a utilização do materialismo histórico dialético nas investigações dos objetos das artes visuais e seu ensino.

Na complexidade da pesquisa, a partir do método de Marx, entende-se como necessário um aporte teórico mínimo – começando pela compreensão da obra de arte na perspectiva materialista. Porque começar pela obra de arte? Porque os objetos pesquisados em artes visuais pertencem a esse universo: arte e suas conexões: criação; trabalho humano; educação (no qual a Pedagogia Histórico Crítica se encarrega de discutir e que será também referenciado no decorrer deste artigo para tratar do ensino de arte).

São inúmeros os escritos de Marx sobre a arte, principalmente a literária. Sendo a arte fruto do trabalho do ser social, tal produção não passou despercebida a Marx. Começando por Marx podemos chegar a Georg Lukács – a estética marxista – e assim compreender a arte como produção material historicamente desenvolvida e permeada pelo social no qual foi construída. Sendo a obra de arte ou os fenômenos que a rodeiam objeto de pesquisa, cabe ao investigador formular perguntas para a solução de problemas existentes.

Nos escritos dos textos “Cultura, arte e literatura”, Marx e Engels defendem que:

(...) só a música desperta no homem o sentido musical, a mais bela música não tem nenhum sentido para o ouvido não musical, não é nenhum objeto, porque o meu objeto só pode ser a afirmação de uma das minhas forças essenciais e só pode ser tal enquanto a minha força essencial está presente para si como capacidade subjetiva, porque o sentido de um objeto para mim vai precisamente tão longe quanto vai o meu sentido (tem sentido apenas

para o sentido correspondente a este objeto) – por esta razão, os sentidos do homem social são outros sentidos que não os do homem não social. (2010, p. 135)

Parece explícito nessa escrita dos autores que o aprendizado em arte é condição fundamental para a sua existência. A obra de arte, seja ela em qual forma se materializa, é fruto do desenvolvimento do ser social; e por isso possível a todos! No entanto, a sociedade em sua organização capitalista insiste em tornar a arte função elitizada. Sobre essa organização nos diz Marx e Engels: “A concentração exclusiva do talento artístico em indivíduos únicos – e a conseqüente asfixia de tais dotes na grande massa – deriva da divisão do trabalho” (2010, p. 168). A divisão do trabalho tornou a arte elemento de exclusão social, recriando hierarquias na divisão das classes. Como propriedade privada, a arte tornou-se um elemento de disputa. Na educação pública principalmente o esvaziamento da arte em práticas artísticas em si mesma, seja numa abordagem técnica ou de expressão, perpetua um ensino de arte sem força emancipatória. Sobre a arte e a divisão do trabalho, os autores pontuam:

A Sancho afigura-se que Rafael executou as suas pinturas independentemente da divisão do trabalho, que existia em Roma, na sua época. Se comparar Rafael a Leonardo de Vinci e Ticiano, verá a que ponto as obras de arte do primeiro condicionadas pela expansão de Roma, da, na altura, à influência florentina, a que ponto as de Leonardo o foram pelo estado social de Florença e, mais tarde, as de Ticiano pelo completamente diferente desenvolvimento de Veneza. Rafael, como qualquer outro artista, foi condicionado pelos progressos técnicos da arte, obtidos antes dele, pela organização da sociedade e pela divisão do trabalho no seu país e, finalmente, pela divisão de trabalho em todos os países que tinham relações com o seu. O facto de um indivíduo como Rafael poder desenvolver o seu talento depende inteiramente da procura que, por sua vez, depende da divisão do trabalho e das condições de educação dos homens, que daí derivam (Ibidem).

Sob a condição social imposta, os homens se desenvolvem a partir dos conhecimentos historicamente desenvolvidos e acessados, não exclusivamente, mas também na escola. Georg Lukács (2018, p.177) no livro “Introdução a uma estética Marxista” determina a arte e o seu aprendizado sob o aporte do marxismo:

A técnica artística, contudo, é apenas um instrumento para expressar com a máxima perfeição possível a reprodução criadora da realidade que resumimos no princípio da forma como forma de um conteúdo determinado, na função organizadora de um nível específico de particularidade por cada

obra de arte. Vimos que este meio organizador é diverso de acordo com o período, com o gênero, com o estilo, com a personalidade, etc. Portanto, uma técnica só é fecunda e progressista, em sentido artístico, quando favorece o florescimento próprio desta particularidade. Suas outras qualidades devem estar incondicionalmente subordinadas a esta finalidade: se elas a contradizem, qualquer técnica – sem prejuízo de suas outras qualidades positivas – é um obstáculo à arte. Mas não se trata apenas de um caso de conflito artístico individual ou histórico, mas também de questões muito mais gerais. Os problemas da evolução da técnica artística são determinados pelo desenvolvimento social. Mas os princípios e as tendências que surgem socialmente não são favoráveis incondicionalmente e em todas as circunstâncias à arte: podem também obstaculizar e confundir o fato estético, podem inclusive ser hostis à arte (Lukács, 2018, p.177).

Sendo a arte possuidora do caráter revolucionário não poderia ela encontrar na sociedade capitalista um campo fértil. O que encontramos na contemporaneidade são armadilhas para os artistas; falácias ideológicas da sociedade vigente; sendo o idealismo e o misticismo elementos cada vez mais presentes. A arte sob o aporte marxista vai na contramão do que o capitalismo aponta. Neste sentido, Vygotsky no livro “Psicologia da Arte” defende:

Dentre as tendências sociológicas da teoria da arte, a que mais avança e apresenta maior coerência é a teoria do materialismo histórico, que procura construir uma análise científica da arte à base dos mesmos princípios aplicados ao estudo de todas as formas e fenômenos da vida social. Desse ponto de vista, costuma-se focar a arte como uma das formas de ideologia, forma essa que, à semelhança de todas as outras, surge como superestrutura na base das relações econômicas e de produção”. (Vigotski, 1999, p. 09)

Considera-se essencial que a pesquisa sob o enfoque marxista considere seu objeto, em nosso caso a arte, com o mesmo aporte teórico. A compreensão da arte como trabalho humano do ser social existente na realidade materialista, histórica e dialética é inegociável pois implica pressupostos axiológicos de análise na exposição do objeto pesquisado. Nesse sentido, a formação na graduação ao invisibilizar o estudo da teoria marxista nos currículos omite do pesquisador/a o acesso a amplitude de uma pesquisa.

Ao assumir o método marxista na sua investigação, com a compreensão da arte como trabalho humano do ser social, o primeiro passo é a construção do projeto de pesquisa. Um projeto de pesquisa tem início com uma curiosidade ou incômodo do pesquisador/a. Ao se questionar acerca dos problemas da arte – e do universo da arte – tem-se como primeiro movimento investigativo o levantamento da

produção de conhecimento já existente sobre o possível objeto de pesquisa – o chamado estado da arte. É a partir dele que começamos a aprofundar o conhecimento identificando as pesquisas existentes sobre o assunto; surge assim o projeto de pesquisa. Silvio Sánchez Gamboa (2013 p. 08) sobre a construção do projeto para a pesquisa declara:

Os projetos de pesquisa se caracterizam por organizarem os procedimentos para conseguir a elaboração do diagnóstico exaustivo sobre um problema concreto, localizado no mundo da necessidade humana. O mundo da necessidade por ser complexo, aberto e desafiante, exige procedimentos que exigem um rigor lógico. Esse rigor deve acompanhar os diversos passos que vão desde a localização do problema, sua transformação em questões e perguntas à elaboração das respostas para esses problemas (Gamboa, 2013 p. 08).

A construção dos projetos de pesquisa de alguma maneira já anuncia o método de pesquisa, pois nas perguntas anunciadas nos projetos a investigação já se delinea. Como pontua o autor, é na organização do projeto que o pesquisador revela sua visão de mundo. Pois bem, a pergunta que surge é como estudantes da pós-graduação sem a leitura necessária da teoria marxista podem construir um projeto para que o materialismo dialético seja o método utilizado? Quero com essa indagação alertar para a necessidade de ampliar a leitura dos escritos de Marx nos currículos dos cursos de artes; pois a escrita do projeto de pesquisa surge dos conhecimentos adquiridos também na graduação, na escrita do trabalho de conclusão do curso; sendo essa a primeira experiência da pesquisa acadêmica.

Mas, os métodos dependem de como o sujeito aborda o objeto. Entendendo o conhecimento como resultante da relação de um sujeito que quer conhecer e um objeto a ser conhecido; a maneira como este sujeito aproxima-se do objeto para produzir o conhecimento se dá diferentemente e esta abordagem irá depender de sua formação cultural que determinou a sua visão de mundo (Gamboa, 2013, p. 15).

O que você quer conhecer do seu objeto; para que quer esse conhecimento e o que pretende com ele implica na escolha do método:

O enfoque crítico dialético trata de apreender o fenômeno em seu trajeto histórico e em suas inter-relações com outros fenômenos. Busca compreender os processos de transformação, suas contradições e suas potencialidades. Para este enfoque o homem conhece para transformar e o

conhecimento tem sentido quando revela as alienações, as opressões e as misérias da atual fase de desenvolvimento da humanidade; questiona criticamente os determinantes econômicos, sociais e históricos e da potencialidade da ação transformadora (Gamboa, 2013, p. 18).

É a partir do materialismo histórico dialético como método de pesquisa que a transformação ganha destaque: se identifica o problema e a partir das perguntas se produz as respostas em contínuo movimento. Ao compreender os processos em torno do seu objeto e considerando suas contradições como nos diz Gamboa, o pesquisador avança na produção de conhecimento. Para este autor o problema que vai nortear a pesquisa deve partir da realidade e as respostas construídas com o rigor científico.

Toda pesquisa surge de uma situação problema. Pesquisamos quando surge a suspeita, a dúvida, a necessidade, o conflito, a crise. Para que a pesquisa se torne um processo concreto, precisamos localizar o campo problemático. Essa primeira fase, é denominada de “situação problema” (Gamboa, 2013, p. 26).

A situação problema permite a investigação em seus desdobramentos; a complexidade de toda pesquisa encontra no método de Marx um lugar seguro de investigação por não ser um conjunto de regras a serem seguidas de forma mecanizada; pois o estudo da teoria marxista constrói o olhar do pesquisador sobre o objeto: um olhar expandido, crítico, rigoroso, detalhista, investigativo, científico.

Considerando a trajetória dos graduandos em artes e sua fragilidade teórica no marxismo (com raras exceções); como recuperar o tempo perdido e na pós-graduação assumir o materialismo histórico dialético na pesquisa? Estudando a obra de Karl Marx e Friedrich Engels.

2.1 O método em Marx

É a partir do materialismo histórico dialético que o pesquisador não se limita a aparências dos fenômenos e desvela os processos da vida real da qual faz parte o seu objeto de pesquisa; com rigor científico, ante os entrelaçamentos da prática social descrevendo a sua face estética, histórica, política em suas contradições.

Mais do que dizer como investigar o objeto, o método em Marx nos possibilita vislumbrar todas as nuances em torno do fenômeno pesquisado de forma ampliada considerando sua existência para além do querer do pesquisador. De modo geral sempre seremos surpreendidos pelo nosso objeto quando alcançamos a

compreensão da totalidade – a essência. Marx (tópico três - O método da economia política – na obra *Grundrisse*) partilha com seus leitores o caminho percorrido no desvelamento do seu objeto: a sociedade burguesa.

Se consideramos um dado país de um ponto de vista político-econômico, começamos com sua população, sua divisão em classes, a cidade, o campo, o mar, os diferentes ramos de produção, a importação e a exportação, a produção e o consumo anuais, os preços das mercadorias etc. Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída (Marx, 2008, p. 76).

Marx divide aqui conosco sua rigorosa investigação e denuncia a aparência do fenômeno com sendo a primeira perceptível e que deve ser ultrapassada na busca das múltiplas determinações do objeto “em seus pormenores”:

Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. P. ex., trabalho assalariado, capital etc. Estes supõem troca, divisão do trabalho, preço etc. O capital, p. ex., não é nada sem o trabalho assalariado, sem o valor, sem o dinheiro, sem o preço etc. Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples; do concreto representado [chegaria] a conceitos abstratos [Abstrakta] cada vez mais finos, até que tivesse chegado às determinações mais simples. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações (Ibidem).

A totalidade do objeto pesquisado é alcançado quando utilizado de forma correta o método científico; é ele que vai permitir a apreensão dos pormenores que compõe o todo para então; com todas as informações tomadas é possível descrever a realidade do concreto ou conhecimento:

O concreto é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, portanto, unidade da diversidade. Por essa razão, o concreto aparece no pensamento como processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, não obstante seja o ponto de partida efetivo e, em consequência, também o ponto de partida da intuição e da representação. Na primeira via, a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata; na segunda, as determinações abstratas levam à reprodução do concreto por meio do pensamento (Ibidem).

O exercício do pensamento a partir da investigação do objeto deriva da forma de exposição ou resultado da pesquisa. Para que o pesquisador entenda o movimento dialético e o caráter histórico e material dos fenômenos, Marx exaustivamente mostra a sua investigação em torno da sociedade burguesa. Nesse sentido, considera-se essencial a leitura da obra marxista. Ao ter acesso a leitura do tópico três “O Método da Economia Política” – na obra *Grundrisse: Manuscritos Econômicos de 1857-1858/Esboço da Crítica da Economia Política*, o leitor inicia sua compreensão do que é o método em Marx: como conhecer o objeto! Mas é só o começo...

Orienta-se também ao pesquisador que se dispõe a utilizar o método de Marx, que domine os conceitos centrais da pesquisa sob o viés marxista, como o materialismo dialético e o materialismo histórico. Sobre a dialética Marx na obra *A miséria da Filosofia* nos mostra os limites da dualidade de análise – idealista - dos fenômenos:

A natureza de Proudhon levava-o à dialética. Mas não tendo jamais compreendido a dialética científica, ele não chegou senão ao sofisma. Na verdade, isso decorria de seu ponto de vista pequeno-burguês. O pequeno-burguês, do mesmo modo como nosso historiador Raumer, diz sempre de um lado e de outro lado. Duas correntes opostas, contraditórias, dominam seus interesses materiais e, como consequência, suas opiniões religiosas, científicas e artísticas, sua moral, enfim, todo o seu ser. Ele é a contradição viva. Se é, além disso, como Proudhon, um homem de espírito, ele poderá logo brincar com suas próprias contradições e transformá-las, segundo as circunstâncias, em paradoxos surpreendentes, vistosos e às vezes brilhantes. Charlatanismo científico e acomodamentos políticos são inseparáveis de semelhante ponto de vista (Marx, 1847, p. 11).

Ao criticar o entendimento de Proudhon acerca dos fenômenos, o autor mostra a necessidade de compreender o movimento contraditório do mundo real. Significa dizer, trazendo a discussão para nosso campo de atuação, que cabe ao pesquisador a partir do método desvelar o movimento real e dinâmico existente no seu objeto que o tornou o que é neste momento da pesquisa. Seja qual for a investigação eleita pelo pesquisador/a, a materialidade, a historicidade, os determinantes sociais e suas interligações, o lugar ocupado pelo objeto e suas transformações somente poderão ser identificados considerando o movimento dialético.

Na sua forma mistificada, a dialética tornou-se moda alemã, porque ela parecia glorificar o existente. Na sua figura racional, ela é um escândalo e uma abominação para a burguesia e para os seus porta-vozes doutrinários, porque, na compreensão positiva do existente, ela encerra também ao mesmo tempo a compreensão da sua negação, da sua decadência necessária; porque ela apreende cada forma devida no fluir do movimento, portanto, também pelo seu lado transitório; porque não deixa que nada se lhe imponha; porque, pela sua essência, é crítica e revolucionária (Marx, “Posfácio” O Capital de 1873, p. 23.).

Para Marx a dialética quando materialista é crítica e revolucionária. Por isso ele levanta a bandeira de não apenas interpretar como até então fizeram os filósofos, mas “mudar o mundo”. Um segundo autor que pode ajudar os jovens pesquisadores a apreender o método em Marx é Leandro Konder; leitura mais do que necessária do livro “O que é dialética”:

Qualquer objeto que o homem possa perceber ou criar é parte de um todo. Em cada ação empreendida, o ser humano se defronta, inevitavelmente, com problemas interligados. Por isso, para encaminhar uma solução para os problemas, o ser humano precisa ter uma certa visão de conjunto deles: é a partir da visão do conjunto que podemos avaliar a dimensão de cada elemento do quadro (Konder, 2008, p. 34).

Fiel aos escritos de Marx, o autor do livro “O que é a dialética” traz uma mediação rigorosa dos textos em que o materialismo dialético é apresentado nas obras de Marx. O autor parte das origens do termo dialética, na Grécia, e segue desdobrando suas transformações com foco na dialética materialista.

Objetivou-se com essas breves indicações de leituras, aproximar o pesquisador dos escritos de Marx, para a devida compreensão do método e a sua utilização na investigação do seu objeto de pesquisa. Sendo assim, buscando instrumentalizar um pouco mais nosso jovem pesquisador/a, a discussão precisa contemplar a compreensão do materialismo histórico; e para isso vamos novamente à fonte.

No primeiro capítulo da obra *A Ideologia Alemã – Feuerbach: Oposição das Concepções Materialista e Idealista (1845-46)* os autores Marx e Engels apresentam as premissas da concepção materialista da história:

As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais, e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação. Estas premissas

são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico (Marx e Engels, 1982, p. 04).

Esses indivíduos reais são os responsáveis, para os autores, pela modificação do social existente pois são resultados das ações humanas:

Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião — por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a produzir os seus meios de vida, passo este que é condicionado pela sua organização física. Ao produzirem os seus meios de vida, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material. O modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e a reproduzir (Marx e Engels, 1982, p. p. 05).

Ao reconhecer o homem como ser empírico, concreto e determinado pela sua produção material ao mesmo tempo que a produz fugimos da armadilha, como pesquisadores, de atribuir intenções ao objeto da pesquisa. Não querendo com isso negar os processos criativos existentes nos caminhos da pesquisa; pelo contrário. Os autores destacam o caráter ativo do sujeito histórico:

Como exprimem a sua vida, assim os indivíduos são. Aquilo que eles são coincide, portanto, com a sua produção, com o que produzem e também com o como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção (Marx e Engels, 1982, p. 11).

As condições materiais para produzir a vida são parte da totalidade da vida humana. Nesse aspecto a sociedade capitalista, dividida em classes hierarquiza a riqueza produzida historicamente pela humanidade. A Arte faz parte dessa hierarquia; é constituinte da condição humana em sua subjetividade objetivada, mas é ceifada do proletariado na sua condição de existência.

Ao ler a obra de Marx e Engels (as aqui indicadas já servem para um bom começo) que de forma generosa nos revelam todos os movimentos na construção do marxismo, aprendemos essencialmente sobre a materialidade da vida, da existência real do homem e seus determinantes sociais, da sua historicidade dialética pulsante. Em suma os autores revelaram o caminho percorrido como um mapa detalhado, das pedras encontradas e como a contornaram, não para replicarmos o caminhar, mas para que compreendamos que as “pedras” não tem existência por si só, fazem parte de um todo e ocupam um lugar específico. Da mesma forma acontece com a “nossa

pedra”; nosso objeto de pesquisa. O materialismo histórico dialético não é o único caminho na pesquisa científica, mas ele ainda não foi superado quando se deseja a extinção da sociedade capitalista.

3 Possibilidades do Ensino de Arte na sociedade capitalista

Como já abordado no tópico anterior, o primeiro desafio é o domínio da própria teoria marxista que vai na contramão dos discursos produzidos no cotidiano escolar, na realidade social e mesmo na formação acadêmica, como já problematizado. Assim, podemos dizer, parafraseando Marx, que as ideias dominantes, são as ideias da classe dominante. Deste modo o desafio de uma formação materialista histórica dialética exige um esforço para além, muitas vezes, das condições encontradas na realidade escolar. Não podemos deixar de ressaltar que há um projeto em curso de desqualificação das condições de trabalho do professor e da formação, presente também no campo da arte e na formação do artista, uma precarização que é necessária para a manutenção do sistema capitalista.

Deste modo, todo esforço de atuação coletiva para melhorar as condições de vida e do trabalho dos professores é uma das formas de resistir aos processos de desumanização da sociedade capitalista.

Diante deste quadro de uma crescente alienação⁵, o que podemos fazer como estratégia de superação das condições de precarização da formação e da atuação do professor de arte? Primeiramente, necessitamos mergulhar na teoria de Marx para compreender a atualidade de seu pensamento. Ao mesmo tempo, conhecer com profundidade as teorias educacionais presentes na escola e identificar como o pensamento liberal se manifesta no processo pedagógico. Observa-se que o fenômeno aparece ora travestido de novo, ora prometendo soluções imediatas pautadas numa ideia ficcional de liberdade. Uma liberdade aparente como diria Karel

⁵ Sobre alienação, Mézszáros (2006) analisa que o conceito marxiano apresenta quatro aspectos principais. O primeiro expressa a alienação do homem em relação aos produtos do seu trabalho que pertencem a outro. O segundo aspecto, por sua vez, caracteriza-se pelo processo de ‘estranhamento’ do homem frente à sua própria atividade, como se atividade que ele realiza fosse alheia a ele, gerando insatisfação em si e por si mesma. O terceiro aspecto é a alienação do homem com relação a sua “condição humana”, esse processo de objetivação de si mesmo faz com o homem se distancie de sua humanidade. Por fim, o quarto aspecto da alienação considera a relação do homem com os outros homens, o que implica nas relações de dominação.

Kosik (1992). Finalmente estar profundamente envolto em um processo crítico de domínio, não só das condições de atuação pedagógica, mas, no domínio crítico do campo da arte e seu processo criador também na atualidade.

Entre as pedagogias existentes que vinculam-se ao ideário marxista, destacamos a Pedagogia Histórico-Crítica proposta pelo educador brasileiro Dermeval Saviani. Sua proposição, sistematizada desde a década de 1970, possui uma coerência interna com o método dialético e possui uma organização e atuação na rede escolar pública brasileira de mais de quarenta anos.

No ensino de artes temos uma parcela ainda pequena de pesquisadores que se pautam nessa pedagogia, mas observa-se que há um crescimento no estudo dos fundamentos históricos, filosóficos e metodológicos marxistas. Essa base em construção, contribui para que ela possa ser sistematizada e utilizada como teoria pedagógica que abraça com vigor os estudos a partir da arte, não uma arte qualquer, mas uma arte que possa refletir sobre a humanidade, propondo processos de transfiguração, como apontado por Vázquez (1978). Mas, para isso, a área precisa sistematizar uma crítica robusta ao pensamento pós-moderno e seus desdobramentos para com a educação escolar.

Como já abordado por Duarte (2020) as pedagogias pós-modernas, entre elas o “aprender a aprender”, resultado do Relatório Delors (1998), vem ao longo dos anos agindo em um processo sistemático de desmaterialização do processo pedagógico, colocando a atuação do professor como facilitador e questionando o papel da escola como espaço de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Esta premissa, tem alavancado o pensamento liberal no campo das artes e o seu ensino evoca a espontaneidade como processo de produção e formação artística. Outros aspectos como a subjetividade, identidade e algumas temáticas caras aos movimentos sociais, são banalizadas e descontextualizadas de seus aspectos históricos e políticos, sendo usadas como temáticas de flexibilização do pensamento sistematizado.

Muito bem observado por Turini e Santos (2022), quando apontam que muitos conteúdos sistematizados na escola são também fruto da luta de classes e muitos outros ficam de fora do currículo escolar e poderiam ser considerados como conteúdos fundamentais para a formação humana dos estudantes. Deste modo, o

currículo escolar e seus conteúdos também sofrem um processo de disputa ideológica entre forças antagônicas, como podemos observar nas tentativas reformistas de retirada da disciplina de Arte do currículo escolar, nos estados do Paraná e São Paulo⁶.

Essa disputa do que deve estar no currículo escolar pautado na Pedagogia das Competências (Marsiglia *et al.* 2017) demonstra do ponto de vista marxista, o projeto societário em curso no país. De um lado, os interesses privados com a atuação incisiva de fundações disfarçadas de filantropia⁷ na formulação de políticas educacionais, a exemplo da Base Nacional Comum Curricular/BNCC (2017), a Reforma do Ensino Médio (2018) e a BNC-Formação (2019) que adotam um cunho tecnicista e pragmático (Malanchen; Matos; Orso, 2020) pulverizando os conteúdos escolares e subordinando o trabalho do professor a processos pedagógicos comandados pela tecnologia e pela lógica produtivista (Duarte, 2020; Freitas, 2018). Por outro, os interesses da classe trabalhadora que tentam recuperar a função social da escola (Young, 2007; Duarte, 2018) nas suas premissas humanísticas.

Marsiglia e Martins (2018), afirmam que em todos os processos educativos há uma forte tensão histórica entre humanização e alienação dos indivíduos, nesse sentido, a socialização de conhecimentos que possibilitem o desenvolvimento de uma visão de mundo verdadeiramente dialética, materialista e histórica requer identificar a finalidade da educação e a quais interesses ela atende.

Diante desse cenário, a Pedagogia Histórico-Crítico fundamentada no materialismo histórico-dialético, se apresenta como uma perspectiva pedagógica revolucionária ao reafirmar a importância da educação escolar para a formação da consciência de classe e emancipação humana por meio da aprendizagem do saber sistematizado das Ciências, da Filosofia e das Artes, produzido historicamente pela humanidade.

⁶ Renato Feder, ex-secretário de Educação do estado do Paraná, e atualmente, na pasta no estado de São Paulo, coloca em curso os interesses do capital de padronização de aprendizagens e currículo por competências, ao “propor” a retirada desta disciplina do currículo escolar. No caso do Paraná, os professores organizados coletivamente conseguiram frear a reforma.

⁷ Rebecca Tarlau e Kathryn Moeller (2020, p. 553) argumentam que essa influência filantrópica não é simplesmente um esquema neoliberal para maximizar lucros, mas sim parte de um movimento de lideranças corporativas e fundações privadas em todo o mundo para angariar poder e reconstruir a educação pública à sua própria imagem. Embora esse jogo seja muitas vezes participativo e amplamente aceito, corporações e fundações só conseguem desempenhar esse papel graças ao seu tremendo poder econômico —um subproduto direto da desigualdade econômica e política global— e aos cortes sistemáticos de recursos na esfera pública.

Nas palavras de Saviani (2013, p.15), a escola tem como função principal, “a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado”, logo, o professor tem uma função central de mediar a relação dialética entre a singularidade e universalidade pois é o responsável por promover a apropriação das objetivações humanas mais desenvolvidas do gênero humano (Duarte, 2013) elevando o nível do conhecimento dos estudantes, de sincrético para o sintético. Segundo Duarte (2016),

O conhecimento mais desenvolvido é aquele que permite a objetivação do ser humano de forma cada vez mais universal e livre. O critério é, portanto, o da plena emancipação humana. Em termos educativos, há que se identificar quais conhecimentos podem produzir, nos vários momentos do desenvolvimento pessoal, a humanização do indivíduo (Duarte, 2016, p. 67).

O ensino dos conceitos tomando como base os conhecimentos sistematizados, pautados na Ciência, na Filosofia e na Arte, é uma condição para a superação dos conhecimentos espontâneos, alicerçados no cotidiano alienado possibilitando a transformação da visão que o indivíduo tem do mundo.

Diante do objetivo de “transmissão do saber elaborado”, Saviani (2012) orienta que a escola tem 3 tarefas fundamentais, a primeira delas diz respeito à identificação dos conhecimentos humanos que foram produzidos ao longo da história da humanidade. A segunda, é a transformação desses conhecimentos clássicos em conhecimentos escolares e a terceira, seria a organização das melhores formas de aprendizagem, não uma aprendizagem qualquer, mas uma aprendizagem cuja reflexão da historicidade seja o fio condutor. Segundo Saviani (2020),

(...) para produzir materialmente o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte). Trata-se aqui do trabalho não material, isto é, a produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. Obviamente a educação se situa nessa categoria do trabalho não material (Saviani, 2020, p.13).

Complementa o autor dizendo que aquilo que não é produzido pela natureza é preciso que haja um processo educativo para que ocorra a formação humana e este é o papel da escola, nos humanizar. Talvez essa seja a premissa de

nossos estudos, sistematizar o papel da arte no processo de humanização, uma arte que possa revelar, mais do que esconder, uma arte que contribua para a formação de um sujeito rico de necessidades formativas.

4 Considerações finais

Propomos aqui a leitura dos textos marxistas para que pesquisadores/as possam, a partir dos princípios teóricos e metodológicos do materialismo histórico dialético, investigar seus objetos de pesquisa. Como discutido ao longo do texto não existe um passo a passo de como pesquisar no aporte marxista, o que sabemos é que ler Marx é condição inegociável.

De um modo geral, pesquisar sob o aporte marxista depende da cosmovisão do pesquisador, como destaca Silvio Gamboa, depende da relação desse sujeito com seu objeto de pesquisa, da sua formação acadêmica e cultural.

Apontamos também, que a teoria marxista é inviabilizada na formação dos sujeitos, seja na graduação ou na pós graduação, com isso temos uma formação fragmentada que gera reflexos negativos no ensino da arte, principalmente da escola pública.

Para suprir as lacunas existentes na formação acadêmica e na práxis docentes, o Observatório de Formação de Professores da Universidade do Estado de Santa Catarina tem sido atuante na formação inicial e continuada a partir do aporte marxista, com destaque para o estudo da Pedagogia Histórico-Crítica. Avante!

Por fim, entendemos que o estudo da Pedagogia Histórico-Crítica possibilita a partir do aporte marxista, uma análise da sociedade capitalista que reverbera nas finalidades da educação e no papel da escola no desenvolvimento dos níveis mais elevados do gênero humano. Sendo assim, assumir como referencial teórico o materialismo histórico-dialético no ensino de Artes Visuais implica adotar uma postura política e pedagógica na qual o/a professor/a tenha clareza que o trabalho pedagógico consiste em uma prática social mediadora comprometida com a emancipação humana.

Referências:

DELORS, Jacques. Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.

DUARTE, NEWTON. **Vigotski e o "Aprender a Aprender"**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2020.

DUARTE, N. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

GAMBOA, Silvio. **Projetos de pesquisa, fundamentos lógicos: a dialética entre perguntas e respostas**. Chapecó: Argos, 2013.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. 1ed. Expressão Popular, – São Paulo, 160p. 2018

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LUKÁCS, Georg (1885-1971) **Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética**. São Paulo: Instituto Lukács, 2018. <<https://www.marxists.org/portugues/lukacs/1956/estetica/estetica-marxista.pdf>>. Acesso em 25/07/2023 às 19h16min

MARX, Kai; ENGELS, Friedrich. **Grundrisse/Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política**. Disponível em: <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Karl_Marx_-_Grundrisse_\(boitempo\)_completo.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/Karl_Marx_-_Grundrisse_(boitempo)_completo.pdf)> Acesso em 05/11/2023 às 12h54min.

FEUERBACH. **Oposição das Concepções Materialista e Idealista (Capítulo Primeiro de A Ideologia Alemã)** [N2] . 1982. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/index.htm>>. Acesso em 08/11/2023 às 16h20min.

CULTURA, arte e literatura: textos escolhidos. Tradução de Jose Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcante Yoshida. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **“Posfácio” O Capital de 1873**. Crítica da Economia Política. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/prefacios/03.htm>>. Acesso em 10/11/2023 às 09h42min.

MALANCHEN, Julia; MATOS, Neide da Silveira Duarte de; ORSO, Paulino José. **A Pedagogia histórico-crítica, às políticas educacionais e a Base Nacional Comum Curricular**. Autores Associados. Edição do Kindle.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; *et al.* A Base Nacional Comum Curricular: um novo episódio de esvaziamento da escola no Brasil. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 9, n. 1. Salvador, abr. 2017, p. 107-121. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/317553195_A_BASE_NACIONAL_COMUM_CURRICULAR_UM_NOVO_EPISODIO_DE_ESVAZIAMENTO_DA_ESCOLA_NO_BRASIL. Acesso em 03 de março de 2023.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão; MARTINS, Lúgia Márcia. A natureza contraditória da educação escolar: tensão histórica entre humanização e alienação. In: **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 4, p. 1697-1710, out./dez., 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.unesp.v13.n4.out/dez.2018.10265. Acesso em 27 de dezembro de 2023.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2006. 321p.

TURINI, M. H. ; SANTOS, M.C. **A Organização do Trabalho Pedagógico como Prática na Educação Básica**. EDUCA – Revista Multidisciplinar em Educação, Porto Velho, v. 09, 2022.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

EDUCAÇÃO escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular. In: Malanchen, J. Matos, N da S. D. de e Orso, P. **A pedagogia histórico-crítica, às políticas educacionais e a Base Nacional Comum Curricular**. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2020.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As ideias estéticas de Marx**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

VYGOTSKY, Lev. **Psicologia da Arte**. Disponível em: https://ia903103.us.archive.org/24/items/PsicologiaDaArteVigotski/228739061-Psicologia-Da-Arte-Vigotski_text.pdf. Acesso em 24/010/2023 às 14h22min

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007.

Data de submissão: 15/12/2023
Data de aceite: 15/02/2024
Data de publicação: 08/03/2024